

Alunos Surdos: Aquisição da Língua Gestual e Ensino da Língua Portuguesa

Maria Madalena Belo da Silveira Baptista

Escola Superior de Educação de Coimbra

Palavras chave

Surdez - Educação Bilingue - Língua Gestual Portuguesa

Resumo

A comunicação apresentada visa realçar a importância da exposição precoce da criança surda Portuguesa à Língua Gestual Portuguesa (sua língua natural), e evidenciar metodologias específicas para o ensino da Língua Portuguesa na sua vertente oral e escrita. Para o efeito, começaremos por explicitar os princípios da educação bilingue no que respeita à criança surda e só depois passaremos a fazer referência à Língua Gestual Portuguesa (LGP) e ao ensino da Língua Portuguesa. No primeiro ponto desta comunicação, denominado de surdez e bilinguismo, explicitamos os pressupostos de uma educação bilingue. No ponto imediatamente a seguir, falamos do processo de aquisição da LGP em crianças surdas e tentamos desmistificar alguns mitos que ainda persistem em relação a esta língua de modalidade visuo-manual. Finalizamos, fazendo referência à aprendizagem da Língua Portuguesa por parte da criança surda e interligando os aspectos da oralidade com questões de leitura e escrita. Para o efeito, propomos cinco finalidades essenciais e enquadrámos objectivos e actividades correspondentes a cada uma dessas finalidades.

Introdução

A linguagem permite à criança aprender o que não é imediatamente evidente e desempenha um papel central no pensamento e no conhecimento. No caso da surdez a consequência imediata para a criança será o comprometimento a nível da aquisição espontânea da linguagem oral uma vez que não recebe, ou tem dificuldade em receber o *feed back* auditivo.

Durante cerca de um século, desde o célebre congresso de Milão em 1880 até à década de 1980, que as metodologias de intervenção linguística oralistas¹ se sobrepuseram aos métodos gestuais. Esta opção educativa fez com que as crianças surdas fossem consideradas deficientes devido à sua incapacidade para ouvir e à necessidade de educação especial e serviços sociais para minimizarem e corrigir essas deficiências. De facto, embora a surdez não prive os surdos² da faculdade da linguagem, pode criar situações atípicas no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem oral, utilizada pelos cidadãos ouvintes que constituem a maioria na nossa sociedade. No entanto, hoje em dia argumenta-se que as suas dificuldades linguísticas são consideradas como tendo origem em questões culturais e educacionais em vez de ser algo patológico, uma vez que toda a criança surda tem a capacidade humana e o potencial para assimilar e desenvolver as complexas regras da linguagem e da comunicação. Para que isto aconteça, basta que a informação linguística usada seja visuo-manual, isto é, basta que os surdos tenham acesso à sua própria língua natural – a língua gestual. Posteriormente, será a língua gestual a providenciar à criança surda uma base para a aprendizagem de uma segunda língua (L2), que será a língua oficial do país onde vive.

1. Surdez e Bilinguismo

O termo bilingue significa que, na educação da criança surda, se vão utilizar duas línguas diferentes. Por um lado, a língua gestual, com as suas características próprias, sendo o sistema comunicativo preferencial atendendo aos valores da comunidade surda e à sua própria cultura; por outro, a língua oral da comunidade ouvinte onde a criança vive com vista à sua integração social, acesso à língua escrita e, se possível, falada. O bilinguismo tem como ideia básica que o surdo deve ter como língua materna a língua gestual, considerada a língua natural dos surdos, e, como segunda língua, a língua oficial do seu país. A língua gestual providenciará ao surdo uma base para a aprendizagem de uma segunda língua que pode ser escrita ou oral. Os defensores do bilinguismo apoiam-se sobretudo em dois argumentos: (i) as crianças surdas, postas num ambiente de língua gestual, aprendem esta língua de forma espontânea, natural e similar ao modo como as crianças ouvintes aprendem a sua língua materna oral; e (ii) os gestos da língua gestual constituem um código linguístico específico tão útil, rico e complexo como qualquer língua oral.

Para que o ambicionado bilinguismo possa ser implementado, a criança surda deverá ser posta em contacto com a língua gestual através de interlocutores surdos, ou

1 Estas metodologias defendiam a utilização da leitura labial e da expressão oral e dos resíduos auditivos. Consideravam que a integração social do surdo e o acesso à cultura dependiam do domínio da linguagem oral e que qualquer outro sistema ou método iria prejudicar a sua aprendizagem.

2 Quando utilizamos a terminologia surdez ou surdo, estamos a referir-nos às situações de surdez severa e profunda em que as trocas verbais com as crianças não podem ser mediadas pela informação áudio-linguística.

ouvintes que sejam proficientes nessa modalidade linguística. A língua oral ou escrita será trabalhada segundo os princípios da aprendizagem de uma segunda língua. Assim, as línguas gestuais são o objectivo e o meio facilitador da aprendizagem em geral.

As línguas gestuais são ainda línguas naturais e de modalidade visuo-gestual e, como tal, apresentam especificidades próprias. Além da função comunicativa, as línguas naturais têm outra importante função: o suporte linguístico para a estruturação do pensamento.

O princípio fundamental do bilinguismo é oferecer à criança um ambiente linguístico em que os interlocutores comuniquem com ela de uma forma natural, tal como é feito com a criança ouvinte através da língua oral. Assim, a criança não terá apenas assegurada a aquisição e o desenvolvimento da linguagem como, também, a integração de um auto-conceito positivo. O surdo não necessita de ter uma vida semelhante à do ouvinte, podendo aceitar e assumir a sua surdez. Isto não significa que a aprendizagem da língua oral não seja importante para o surdo. Pelo contrário, esta aprendizagem é desejada, mas não é o único objectivo educacional do surdo nem a única possibilidade de reduzir as diferenças causadas pela surdez. O bilinguismo dá à criança surda a oportunidade de se assumir à “semelhança de” e não à “impossibilidade de ser”

2. Aquisição da Língua Gestual Portuguesa

Reconhecendo e aceitando que a LGP é a língua natural da criança surda Portuguesa e que é uma língua tão rica e complexa como qualquer outra língua oral, o contexto deve providenciar à criança surda a oportunidade da mesma estar exposta o mais precocemente possível à LG. No entanto, a maioria das crianças surdas, cerca de 90% a 95%, é filha de pais ouvintes sem qualquer conhecimento da LG, pelo que a criança deverá ser posta em contacto com a LG através de interlocutores surdos ou ouvintes que sejam proficientes nesta língua e, sempre que aconselhável³, inserida em contextos escolares onde existam formadores, professores e intérpretes de LGP.

Dada a importância que as LG's assumem no processo de aquisição da linguagem por parte da criança surda, interessa desmistificar algumas falsas crenças relativamente às mesmas:

1. As LG's não são uma mistura de pantomina e gesticulação, incapazes de expressar conceitos abstractos. As LG's são línguas de modalidade visuo-espacial que, sob o ponto de vista linguístico, são completas, complexas e possuem uma estruturação abstracta nos diversos níveis de análise. Apresentam uma riqueza de expressividade diferente das línguas orais, incorporando tais elementos na estrutura

3 Hoje em dia debate-se muito se a criança surda com implante coclear deverá estar incluída nesta filosofia da educação bilingue ou não. Trata-se de um assunto que tem causado uma grande polémica e que de momento ultrapassa o âmbito desta comunicação.

dos gestos através de relações espaciais, estabelecidas pelo movimento ou outros recursos linguísticos

2. A estrutura das línguas gestuais não é modelada na sintaxe e morfologia das línguas orais, possui uma gramática própria, rica e complexa. As línguas gestuais são independentes das línguas faladas;

3. A ideia de que as LG's são uma representação icónica dos seus referentes é errada. Os aspectos icónicos ou pictográficos de gestos individuais não são o aspecto mais significativo da sua estrutura e do seu uso. A maior parte dos gestos são arbitrários, ou seja, não representam associações ou semelhanças visuais com o referente. Forças linguísticas e sóciolinguísticas tendem a inibir a natureza icónica dos gestos, tornando-os mais arbitrários com o passar do tempo. Além disso, processos gramaticais regulares tendem a suprir relações icónicas.

4. As LG's não são universais. Cada país possui a sua própria LG. Uma língua gestual estrangeira não é transparente para um surdo que use outra LG. As mesmas razões que explicam a diversidade das línguas faladas aplicam-se à diversidade das línguas de sinais. Cada país apresenta a sua respectiva LG. Factores geográficos e culturais são influentes e determinantes na mudança histórica do gesto;

5. As LG's não são realizadas através da soletração. Existe um gesto para cada conceito. O alfabeto gestual é um sistema manual distinto da LG que consiste na soletração com a mão no ar, e em distintas configurações, do abcdário. Tem por finalidade fazer a ponte com a língua oral em situações específicas, como, por exemplo, a gestualização de palavras para as quais ainda não existe um gesto específico. Cada país possui o seu próprio alfabeto.

Estando esclarecido o estatuto linguístico das diferentes línguas gestuais, e muito concretamente no caso português, o estatuto da LGP, reconhecido desde 1997 na constituição portuguesa, importa agora voltar a referir que as crianças surdas, postas num ambiente onde o *input* em língua gestual é fornecido em quantidade suficiente e com a qualidade esperada, adquirem esta língua de forma espontânea, natural e similar ao modo como as crianças ouvintes adquirem a sua língua materna oral. Assim, sendo dada a oportunidade às crianças de gestualizarem e verem os gestos em movimento, isto é, falarem e “ouvirem” falar em LG elas irão adquirir e desenvolver a linguagem, obedecendo aos mesmos parâmetros linguísticos de evolução de qualquer criança que adquire uma língua oral.

3 - O Ensino do Português como Segunda Língua

A língua oral ou escrita será trabalhada segundo os princípios da aprendizagem de uma segunda língua. Assim, a LG é o objectivo e o meio facilitador da aprendizagem em geral, providenciando ao surdo uma base para a aprendizagem de uma segunda língua.

Os resultados de alguns estudos, incidindo maioritariamente em crianças surdas filhas de pais surdos e inseridas em experiências educativas bilingues (língua de

sinais e língua oral falada maioritariamente pela comunidade ouvinte), evidenciam que a utilização precoce da língua gestual serve, em muitos casos, para que estas crianças adquiram todo um conjunto de habilidades linguísticas e metalinguísticas que proporcionam um melhor acesso à linguagem escrita, favorecendo, por outro lado, a aprendizagem da língua oral da comunidade ouvinte a que pertencem. Para além disso, a LG facilita experiências prévias com livros, histórias e contos, partilhados através da interação que se estabelece entre a criança surda e os adultos utilizadores de uma LG.

Através da LG, a criança pode dispor de uma quantidade e variedade de experiências, possuir um conhecimento dos diferentes tipos de texto, descobrir a potencialidade da linguagem e o seu poder para criar mundos possíveis ou imaginários. Desta forma, mesmo sem saber ainda ler, percebe a funcionalidade da leitura e da linguagem escrita. Como tal, a LG pode ser muito útil nas actividades de motivação e aprendizagem significativa da leitura, proporcionando ainda um suporte semântico e conceptual. Por sua vez, a linguagem escrita é um elemento essencial no desenvolvimento linguístico oral do surdo havendo deste modo uma influência recíproca a este nível. As crianças aprendem novas estruturas e funções da língua escrita que transpõem para a fala. Daí a interação que existe entre ambos os processos, apesar dos aspectos específicos que caracterizam cada um deles.

Mas, operacionalizar filosofias educativas no que respeita ao ensino das crianças e dos jovens surdos é uma tarefa complexa, não deixando por esse motivo de ser um desafio interessante, sendo um campo com muitas frentes de exploração ainda em aberto.

O primeiro passo para tornar crianças surdas em crianças leitoras é ter a certeza que dominam uma língua. No entanto, para que se tornem crianças leitoras, as crianças necessitam de fazer a ligação entre a língua que conhecem e as letras impressas. As crianças necessitam de ser ensinadas a ler. A leitura não acontece naturalmente, necessita de ser ensinada. Para que tal aconteça torna-se necessária perspetivar algumas estratégias e actividades que os educadores e professores poderão e deverão desenvolver nos primeiros anos de escolaridade da criança

Apresentam-se cinco finalidades que são essenciais quando se pretende atingir níveis de literacia desejáveis nos primeiros anos de escolaridade, seguidas dos respectivos objectivos e actividades/estratégias a serem implementadas em contexto educativo

Finalidade 1: Descoberta da natureza da língua escrita

Objectivo: desenvolver actividades que levem a criança surda a perceber que a escrita contém informação que se destina a ser lida, que essa informação é imutável e que aparece em diferentes suportes (no papel, na

televisão, nas paredes...)

ACTIVIDADES/ESTRATÉGIAS

- Ler histórias, traduzindo a leitura para a LGP ;
- Antecipar a leitura através do diálogo, também em LGP.
- Após a leitura, promover a discussão, uma vez mais em LGP.
- Fazer o registo escrito de situações vivenciadas.
- Utilizar calendários ou tabelas de simples ou dupla entrada sobre o tempo, a organização das actividades, tabelas onde as crianças tenham que identificar o seu nome e o dos colegas...
 - Rotular e etiquetar os objectos circundantes.
 - Explorar a estrutura do livro (capa, título, nome do autor, onde se começa a ler...).

Finalidade 2: Descoberta da existência de palavras

Objectivo: Acesso à noção de correspondência de significado, à identificação de fronteira de palavra e, simultaneamente, à constatação de que cadeias gráficas iguais possuem o mesmo significado e a mesma representação (gestual e gráfica)

ACTIVIDADES/ESTRATÉGIAS

- Identificação em LGP de unidades significativas (principalmente nomes)
- Utilização de lotos de imagens e palavras (desenhos de imagens, gestos e palavras).
- Construção de um “lexicário” de imagens onde apareça o sinal representado, a imagem e a palavra escrita

Nota: A ligação entre a palavra escrita e o respectivo significado, não podendo passar pela representação fonológica, poderá ser efectuada pela via motora (gestual) se o item em causa já fizer parte do léxico da criança.

A apresentação simultânea da cadeia gráfica (escrita), da gravura e do gesto favorece a associação ao significado e pode servir posteriormente como auxiliar de memória.

Finalidade 3: Descoberta da existência de letras

Objectivos: Levar a criança a perceber que as letras são representações gráficas de entidades motoras.

Ensinar de forma sistematizada a decifrar, isto é, a transformar sequências de letras em significados

ACTIVIDADES/ESTRATÉGIAS

- Utilizar o alfabeto manual associando-o à letra correspondente de forma natural e contextualizada
- Fazer exercícios de discriminação visual das características gráficas das letras (semelhanças e diferenças)
- Fazer exercícios de consciencialização dos movimentos articulatórios que estão na base de determinado som (leitura labial)¹
- Fazer exercícios de decifração visual, isto é, transformar sequências de letras em significados.

Nota: O domínio do alfabeto manual e a acesso rápido à correspondência gesto/letra tem para a criança surda a mesma importância que a automatização da correspondência letra/som tem para a criança ouvinte.

Enquanto o processo de decifração não estiver automatizado, a compreensão textual estará fortemente comprometida, pois é a rapidez de acesso ao significado da palavra escrita que permite o processamento da frase em que a palavra se insere.

Finalidade 4: Compreensão de estruturas gramaticais simples e complexas dentro de um texto

Objectivo: Tomar consciência que a realidade pode ser representada através do código escrito, nomeadamente, através de estruturas frásicas simples e complexas.

ACTIVIDADES/ESTRATÉGIAS

- Introduzir frases simples afirmativas e negativas (sujeito-verbo e atributo).
- Introduzir as regras de concordância género/número.
- Explicitar regras gramaticais simples.
- Introduzir estruturas gramaticais mais complexas (sujeito-verbo-atributo e complementos (não necessariamente nesta ordem).
- Introduzir o significado de pronomes interrogativos mais frequentes: Quem, como, onde, o quê, quando, quantos, porquê?...
- Introduzir textos que contenham as estruturas anteriormente trabalhadas.

Nota: Devem ser utilizadas metodologias do ensino do Português onde se tenha em atenção:

a contextualização das situações e da informação

1 - a utilização de frases que respeitem as qualidades exigíveis na construção de uma frase correcta: unidade, clareza e concisão

2 - a importância do desenvolvimento vocabular numa aprendizagem harmoniosa cuja sequência vá do concreto ao abstracto

3 - a importância dos materiais de apoio, em particular textos correctamente construídos, que respeitem na íntegra os factores da textualidade, nomeadamente a adequação a cada nível etário, tendo em vista a aceitabilidade que decorre da quantidade, qualidade, pertinência e modo

4 - a importância de se utilizar com rigor, em contexto escolar, o texto explicativo, objectivo, em que os diversos componentes e as suas ligações lógicas estejam claramente explicitados.

Os processos didácticos a utilizar deverão ser semelhantes aos de ensino de uma língua segunda (L2) para os alunos ouvintes.

A LG e a língua escrita devem ser trabalhadas de modo a pôr em evidência as semelhanças e as diferenças estruturais de ambas.

Finalidade 5: Compreensão de textos

Objectivo: Activar os conhecimentos que os alunos surdos possuem através do uso da LGP na compreensão dos registos escritos

ACTIVIDADES/ESTRATÉGIAS

Textos informativos:

- Explorar o título e a gravura do texto
- Trabalhar as palavras desconhecidas
- Identificar e organizar as ideias principais
- Resumir o texto
- Associar diferentes palavras à palavra chave
- Seleccionar e reorganizar as palavras associadas a cada uma das palavras

chave, levando a criança a justificar as suas opções em LS.

Textos narrativos:

- Elaborar esquemas da história
- Recontar o texto em LGP
- Ilustrar a história
- Traduzir a história recontada para a língua escrita novamente.

Nota: A compreensão de um texto escrito é dificultada quando não existem conhecimentos que possam ser relacionados com os novos dados fornecidos pelo texto.

As dificuldades que os alunos surdos apresentam ao nível da compreensão de textos devem-se ao facto da língua escrita funcionar como uma segunda língua para eles

Se o professor tiver presente estas cinco finalidades, objectivos e actividades e souber trabalhar em equipa com formadores, professores de LGP e intérpretes estará a contribuir para que a criança surda atinja níveis de oralidade e literacia que lhe permitirão ter acesso à educação, à igualdade de oportunidade, contribuindo para que a criança surda alcance níveis de escolaridade e de literacia cada vez mais elevados.

Reflexões finais

Ao longo da comunicação pretendemos expor a filosofia da educação bilingue da criança surda e como a mesma poderá e deverá ser implementada. Esta filosofia só será viável em contextos onde haja pessoas que utilizem a LGP, contextos escolares onde existam educadores e professores especializados, professores de LGP e Intérpretes de LGP.

A LGP é uma área relativamente recente, tornando-se necessário que se realizem estudos psicolinguísticos e linguísticos cada vez mais diversificado e aprofundados para que deste modo se possa contribuir para uma didáctica do ensino da LGP com bases sólidas.

Embora advogando a filosofia de educação bilingue, reconhecemos que a sociedade é maioritariamente ouvinte e desconhecedora da LGP, que nem sempre é possível comunicar em todos os contextos utilizando apenas a escrita e que existem situações onde o professor de LGP e o intérprete de LGP não estão presentes, pelo que estratégias como a leitura labial⁴ e o treino auditivo devem continuar a fazer parte dos planos de estimulação linguística da criança surda. É extremamente importante que o adulto tenha presente a necessidade de falar com a criança ao mesmo nível, de forma a facilitar todo o processo de leitura labial. A leitura labial exige um esforço muito grande, tanto ao nível de atenção e concentração, como de actividade mental para reconstruir as mensagens. Não é possível pedir a um aluno surdo que siga indicações expositivas durante muito tempo, sem outros apoios visuais para além da cara do educador/professor. A fim de facilitar o processo de leitura labial, o professor deverá ter a preocupação de explicar o significado de novas palavras, escrevendo a palavra e tendo o cuidado de estar virado para a criança quando está a ler ou a falar sobre o que escreveu no quadro. Deverá recorrer a estratégias visuais (posters, textos, esquemas, desenhos), preocupar-se com as condições de visibilidade e colocar a criança perto de si. O professor deve ter sempre presente a ideia que se a criança não estiver a olhar para quem fala não irá ter acesso à informação uma vez que a sua forma de apreensão da língua oral se processa essencialmente através do canal visual. O treino auditivo pode ajudar a criança a discriminar e perceber alguns sons do meio ambiente que podem servir de alerta e constituir uma maior segurança para a criança que, apesar de surda, possui alguns resíduos auditivos.

4 Actividade que está integrada na filosofia de educação bilingue mas que nem sempre é muito valorizada.

Bibliografia

- Baptista, M. (1999). Alguns aspectos lexicais e morfo-sintáticos da língua gestual portuguesa. Tese de mestrado em psicolinguística, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Baptista, M. (2005). *Desenvolvimento da linguagem oral em crianças surdas pré-linguísticas com implantes cocleares*. Tese de doutoramento em ciências da educação, Universidade Católica de Lisboa, Lisboa.
- Lourenço, L. (2005). A aprendizagem da compreensão de leitura. In I. Sim-Sim (Org.), *A criança surda: contributos para a sua educação*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sim-Sim, I. (2005). O ensino do português escrito aos alunos surdos na escolaridade básica. In I. Sim-Sim (Org.), *A criança surda: contributos para a sua educação*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sim-Sim, I. (2005). A aprendizagem da linguagem escrita pela criança surda. In I. Sim-Sim (Org.), *A criança surda: contributos para a sua educação*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

